

ÁGUAS CLARAS

PMS	COL	CHIN
Jornal		
Tribuna de Bahia		
Data	27/12/03	
Cadastre	Cidade	11
Seção		
Assunto		
Bairro		

ÁGUAS CLARAS

Onde o morador vive no limite do inferno

Insegurança do bairro obriga comerciantes a pagar um serviço particular de vigilância

PERLA RIBEIRO

Excesso de violência, tráfico de drogas, falta de transportes e problemas relativos à saúde e à educação tomam um inferno a vida dos moradores de Águas Claras. Apesar do grande índice de criminalidade, não existe sequer um módulo policial no local. Os residentes que temem pela insegurança, são obrigados a custear um serviço particular de vigilância.

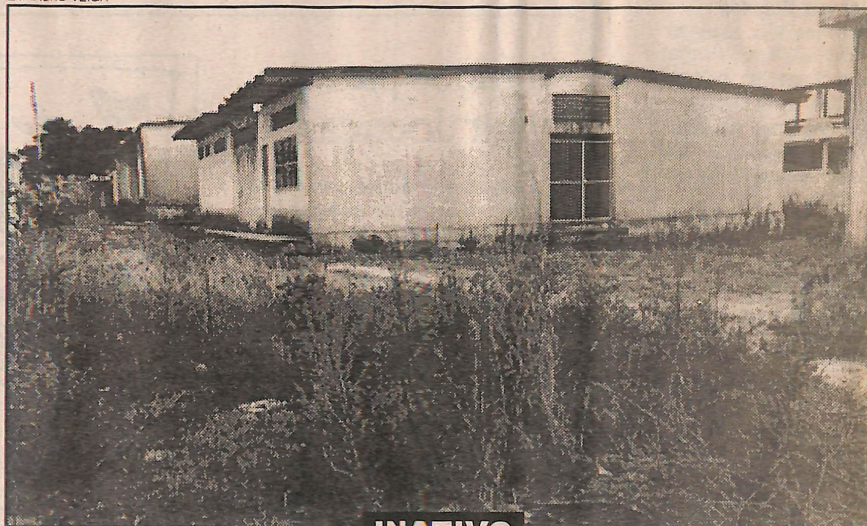
As casas e os estabelecimentos comerciais que contêm as iniciais PSV, PSN e SP indicam que estão incluídas no serviço de segurança particular. Em casos de maior gravidade, a população recorre ao Batalhão PM de Fazenda Grande II ou à delegacia de Cajazeiras X. "A delegacia que presta assistência ao bairro é tão precária que não possui nem mesmo via-tura para vir aqui", contou Eli-sângela Santos de Oliveira.

Composto pelo L o t e a -mento Nogueira, a Rua Direta Presidente Médice, Cajazeira III, Baixa Fria, Ulisses Guimarães, Projeto João de Barro I e II e Irmã Dulce, o bairro de Águas Claras é constituído em sua maior parte por invasões, onde predomina as construções irregulares.

HUMILHAÇÃO

O Jardim Terra Nova, mais conhecido como a Baixa Fria,

EVANDRO VEIGA



INATIVO

Apesar da oferta precária de ensino, este prédio escolar permanece desativado

é a área mais humilde e com maiores problemas. Amontado de lixo, sem calçamento e saneamento básico, a área expõe diariamente os moradores à contaminação de doenças. A qualquer hora do dia, podem ser visto no local, ratos passeando entre lixos, ou querendo intrometer-se na brincadeira das crianças. Além de conviver com o lixo, ratos e doenças, a população ainda convive com o mal cheiro constante.

No período chuvoso, a ocupação é redobrada, já que, de acordo com o nível da água, se for aumentando, as casas podem ser inundadas. "O esgoto passa em frente a minha casa. Aqui na rua as mães estão sempre levando os filhos para o médico", contou Siomar Barbosa Almeida, moradora do local há 36 anos, que acre-

dita que, o contato frequente com esgoto atrapalha o desenvolvimento das crianças. A garota tem doze anos mas estatura de uma de oito anos.

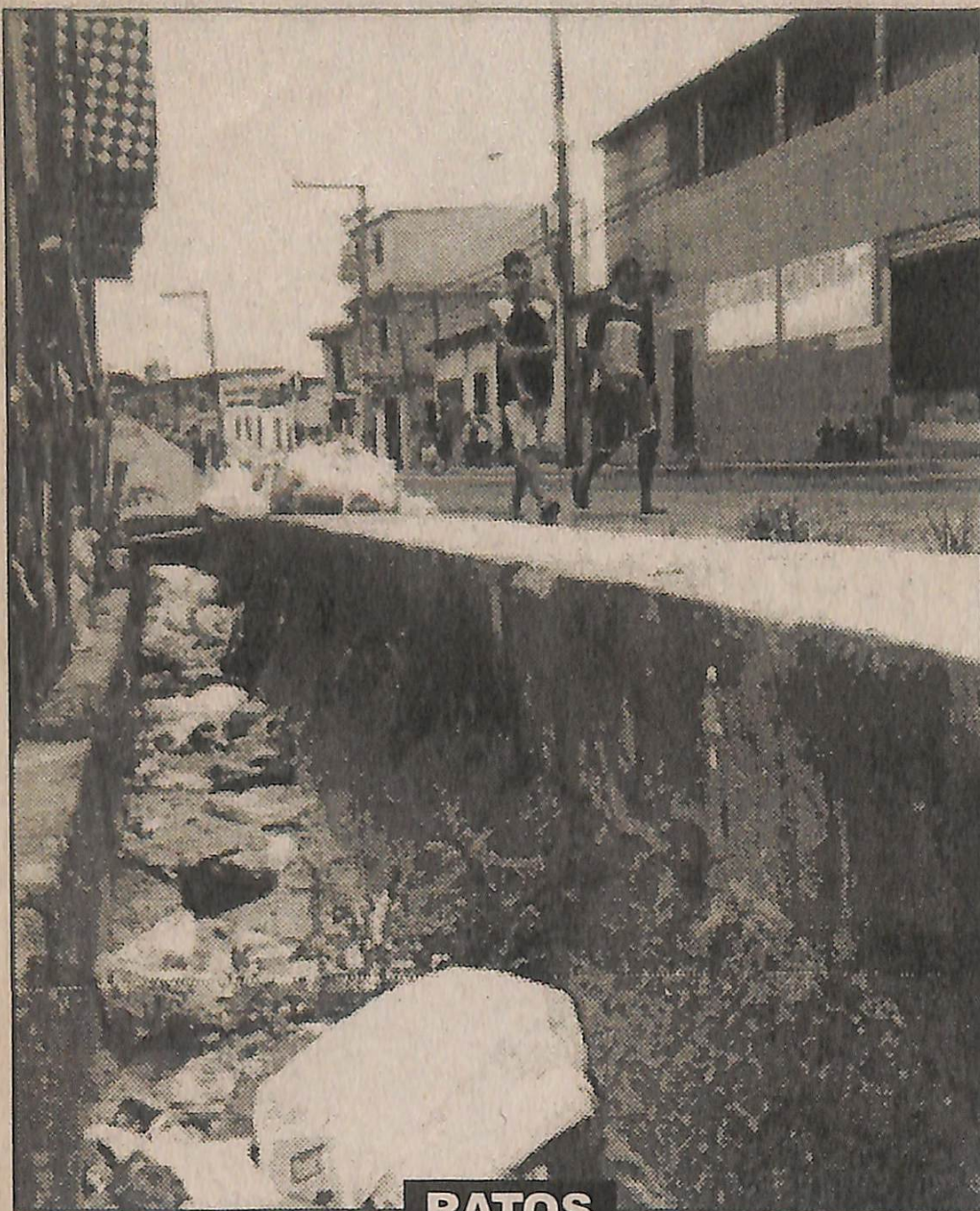
Pegar um ônibus em Águas Claras é um sofrimento. Moradores de determinados trechos chegam a andar até três quilômetros para encontrar um ponto. Quando chegam ao local, uma nova maratona: preparar-se para esperar por um longo tempo até que chegue a condução. Enquanto aguarda, é bom torcer para que o ônibus esteja vazio, o que é muito difícil, já que a maioria dos coletivos já saem de Cajazeiras lotados. Quem pretende ir à Lapa deve pegar dois ônibus, pois não existe uma linha direta.

SAÚDE ZERO

De acordo com a população, os três hospitais de Águas Claras deixam muito a desejar. Eles carecem de pro-

fissionais e recursos. O Hospital de Cajazeiras II é alvo de críticas de moradores. "Lá só atende quando o paciente está morrendo. Os funcionários alegam que a demanda é muito grande. Como não dá para atender todo mundo, as enfermeiras fazem uma triagem para analisar quem necessita de atendimento", desabafa Rita Andrade. Segundo ela, as pessoas que necessitam de atendimento médico são obrigadas a ir para Cajazeiras VIII.

Do posto de saúde não se pode esperar muita coisa. De acordo com Rita Andrade, que mora há 32 anos no local, no posto chega a faltar até mesmo material para fazer um curativo. Para conseguir atendimento no Hospital Dr. Rodrigo de Menezes, especialista em leproso, é um sacrifício. Pacientes externos que necessitam de atendimento, têm que ir para a fila durante a madrugada e aventurar uma senha.



RATOS

A população não ajuda e joga lixo nas valetas de esgoto

ção, os três hospitais de Águas Claras deixam muito a desejar. Eles carecem de pro-

tam de atendimento, têm que ir para a fila durante a madrugada e aventurar uma senha.

O colégio que nunca foi colégio

A falta de escolas públicas suficientes para atender a demanda da população é uma queixa constante. Um colégio construído pelo programa Viver Melhor e entregue à Prefeitura de Salvador durante o primeiro mandato do prefeito Antônio Imbassahy nunca foi ativado. "Já procuramos a Secretaria de Educação Municipal e até mesmo o prefeito, que sempre promete que vai inaugurar o colégio, porém, até hoje nada foi concretizado", contou a presidente do Conselho de Moradores, Sabina Andrade de Oliveira, moradora há 33 anos.

Mesmo possuindo quatro colégios públicos, o Francisco Leite, o Carita Mariane, o Santa Rita de Cássia e o Renan Baleeiro, em Águas Claras ainda faltam estabeleci-

mentos de ensino para abrigar a população carente. É muito comum no local crianças ficarem sem estudar por falta de escola. As famílias que não têm condições de pagar transporte para os filhos se deslocarem para outros bairros acabam ficando sem opção.

Enquanto isso, a escola que até hoje não foi inaugurada está abandonada. A área que poderia ser destinada ao lazer dos alunos, hoje está coberta por matos e cada dia que passa vai tendo a pintura degradada. "Não entendo por que gastam um 'dinheirão' com uma obra dessa para deixar abandonada, se acabando com o tempo", lamentou Josefa Souza Santos.

Apenas uma creche com capacidade para 160 alunos atende o bairro.